

Emprego com carteira tem pior outubro desde 2020

Para economistas, resultado mostra uma tendência de desaceleração do mercado de trabalho no país

Por **Isadora Camargo** e **Guilherme Pimenta** — De São Paulo e Brasília

28/11/2025 05h01 · Atualizado agora

O mercado de trabalho com carteira assinada teve o pior resultado para outubro desde 2020, com indústria e agropecuária fechando vagas no mês passado. Para economistas, o resultado mostra uma tendência de desaceleração do emprego no país, principalmente em áreas sensíveis ao crédito. Por outro lado, o mercado segue pressionado e favorável ao trabalhador.

O saldo de outubro para o Caged, de 85,1 mil vagas, ficou abaixo da estimativa mediana de instituições financeiras, gestoras de recursos e consultorias, de abertura líquida de 120 mil vagas, segundo o Valor Data. As projeções, todas positivas, iam de 100 mil a 135 mil.

Além da indústria geral, que fechou cerca de 10 mil postos, houve retração na agropecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (9,9 mil) e na construção (2,8 mil). Por outro lado, houve abertura líquida em serviços (82.436) e comércio (25.592).

Segundo o ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, o desaquecimento do mercado de trabalho em outubro decorre da política de juros do Banco Central. Ele cobrou o Conselho Monetário Nacional (CMN) para que o órgão “observe as diretrizes dadas à autoridade monetária”, sob risco de haver “barbearagem” na economia a partir de 2026.

O ministro afirmou que a Selic atual, em 15% ao ano, “não é a forma mais inteligente de monitorar a economia”. “Como não sou economista, tenho direito de dar palpites que não sejam exatamente o tiro no alvo.”

Para Arnaldo Lima, diretor de relações institucionais da Polo Capital, os dados do Caged de outubro apontam, “de forma mais clara, que o mercado de trabalho começou finalmente a convergir para um ritmo de menor dinamismo, compatível com o atual grau de aperto monetário”. No acumulado do ano até outubro, o total de abertura líquida registrada foi de 1,8 milhão de vagas. O economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV Fernando de Holanda Barbosa Filho vê o cenário anualizado como positivo para o trabalhador. Ele descarta qualquer tipo de retração significativa na atividade formal e projeta que 2026 deve manter taxas mínimas de desemprego, mesmo com indicadores como o Caged mostrando desaceleração.

“A desaceleração é suave. Apesar da taxa Selic de 15%, estamos falando de um mercado de trabalho aquecido, com suas sazonalidades, com a indústria contratando mais em agosto e setembro como preparação para o Natal e reduzindo contratações em outubro”, exemplifica.

Já para o economista da Tendências Consultoria Matheus Ferreira, o fechamento de vagas na indústria é o pior destaque do Caged de outubro e reflete a dificuldade do setor em acessar crédito, dadas as condições de juros altos e a crise econômica mundial.

“A indústria é um segmento bastante sensível às condições de crédito, e esse quadro de aperto monetário é nocivo para o setor. Observamos essa tendência se consolidar”, afirma. Ele destaca que, ao dessazonalizar os dados, a fotografia fica ainda mais clara. “Limando o efeito sazonal, vemos saldo negativo na indústria total. O que aconteceu em agosto reverteu em setembro e se repetiu em outubro”, afirma.

Para Ferreira, a desaceleração do mercado de trabalho continuará até dezembro, como já previam economistas desde o início do ano. Isso não significa, porém, que o mercado esteja em patamares ruins, mas em acomodação, com volatilidade mês a mês.

O desempenho dos serviços segue trajetória oposta à da indústria, destaca Ferreira. “Diferentemente da indústria e do comércio, a criação de vagas nos serviços está aquecida, sustentada pelo fluxo de renda das famílias. O mercado de trabalho, em geral, ainda está bastante aquecido, com famílias consumindo e salários em níveis maiores”, diz o economista. Ele cita dinâmicas positivas em transporte, alojamento e alimentação, parte do setor de informação e comunicação e atividades financeiras.

Mesmo com saldo menor de vagas formais criadas, uma explicação para certo otimismo são os desligamentos a pedido, observa Bruno Imaizumi, da 4Intelligence. Em outubro de 2025, foram registrados 785,3 mil desligamentos a pedido do trabalhador, 2% mais que no mesmo mês do ano passado. No acumulado dos últimos 12 meses, esses desligamentos ultrapassaram 9 milhões, valor recorde para a série histórica iniciada em 2024, destaca o boletim da consultoria.

“É muito possível que há gente sendo admitida em lugares mais vantajosos.” Com isso, há uma dinâmica de evolução que deve continuar em 2026, mas de maneira “mais comedida”, explica.

A consultoria projeta para 2025 a criação de 1,4 milhão de vagas formais e de 1,2 milhão para 2026, em razão de um PIB mais fraco no próximo ano.

“Vale lembrar que o mercado de trabalho formal brasileiro este ano tende a ser parecido com o de 2023, já que a economia desempenhará melhor via agropecuária e os juros elevados inibirão o crescimento de vagas formais de setores mais sensíveis ao crédito”, completa.

Entre os analistas, os resultados de outubro mantêm o consenso de que o Banco Central deve flexibilizar sua postura monetária a partir de janeiro.

Para Arnaldo Lima, é preciso esperar a Pnad Contínua, que será divulgada nesta sexta-feira, e que pode não revelar, de imediato, sinais tão nítidos de perda de dinamismo, que tendem a se materializar mais claramente no resultado do quarto trimestre.